



Memória, língua e tradução em cartas pessoais escritas por imigrantes alemães no século XIX

Cláudia Fernanda Pavan¹

Resumo: A correspondência pessoal simboliza um testemunho do olhar e da memória dos sujeitos sobre determinados acontecimentos de uma época e representa ainda uma fonte significativa para estudos históricos e linguísticos de épocas passadas. Assim, cartas de imigrantes e de seus descendentes são uma fonte valiosa para as pesquisas que envolvem os contatos linguísticos e as variações e mudanças linguísticas decorrentes deles, como aquelas que se dão através de fenômenos tradutórios resultantes do contato entre o alemão e o português falado no Brasil. Neste trabalho, através da análise de uma carta escrita em português por um descendente de imigrantes alemães e com base em pressupostos teóricos da sociolinguística e dos estudos da tradução, pretende-se ilustrar brevemente a trajetória histórica e linguística desses sujeitos, mostrando a influência que as línguas em contato têm umas sobre as outras e garantindo visibilidade ao plurilinguismo² – que, embora ainda largamente ignorado, é característica basilar do povo brasileiro.

Palavras-chave: Cartas Pessoais; Imigrantes Alemães; Tradução; Contatos linguísticos; Plurilinguismo.

Memory, language and translation in personal letters written by German immigrants in the 19th century

Abstract: Personal correspondence symbolizes a testimony of the individuals' gaze and memory about certain events of an era and also represents a significant source for historical and linguistic studies of past eras. Thus, letters from immigrants and their descendants are a valuable source for research involving linguistic contacts and the variations and linguistic changes that result from them, such as those that occur through translatory phenomena resulting from contact between German and Portuguese spoken in Brazil. In this paper, through the analysis of a letter written in Portuguese by a descendant of German immigrants and based on theoretical assumptions of sociolinguistics and translation studies, the aim was to briefly illustrate the historical and linguistic trajectory of these individuals, showing the influence that the languages in contact have on each other and ensuring visibility to plurilingualism – which, although still largely ignored, is a basic characteristic of the Brazilian people.

Keywords: Personal Letters; German Immigrants; Translation; Language Contacts; Plurilingualism.

1 Doutoranda em Sociolinguística (UFRGS). Mestre em Estudos de Literatura pela mesma universidade. Bacharel em Letras Português-Alemão da UFRGS. Participou como bolsista voluntária de iniciação científica dentro da UFRGS em projetos na área de Tradução e Literatura. Iniciou seus estudos de língua alemã na Dolmetscherschule Zürich (DOZ), escola de tradução e interpretação em Zurique - Suíça. E-mail: claudia.pavan@ufrgs.br. Meus agradecimentos aos pareceristas anônimos pelos comentários e pelas sugestões que contribuíram para o aperfeiçoamento da redação final deste trabalho. A responsabilidade pelo conteúdo do texto e por problemas e omissões que ainda permanecem é inequivocamente minha. Agradeço também à CAPES pelo auxílio financeiro em forma de bolsa de doutorado recebido até aqui.

2 Utiliza-se, ao longo deste trabalho, a distinção entre “multilinguismo” e “plurilinguismo” apresentada por Altenhofen e Broch (2011): enquanto o termo “multilinguismo” se refere à coexistência de línguas em um mesmo território, o “plurilinguismo” se refere “à postura plural do indivíduo, refletida nas habilidades/competências em mais de uma língua”. (ALTENHOFEN; BROCH, 2011 apud IPHAN).

Introdução

Cartas de imigrantes e de seus descendentes representam uma fonte de valor inestimável na busca pelo conhecimento e pela compreensão de circunstâncias históricas, econômicas, culturais e sociais desses sujeitos e de como se deu a formação e o desenvolvimento das áreas de colonização no Brasil (ALTENHOFEN; STEFFEN; THUN, 2018). Do mesmo modo, elas são de grande importância para pesquisas relacionadas à língua, à tradução e à memória, transformando-se em espaços para a reelaboração da memória desses sujeitos e de suas comunidades.

As cartas pessoais não apenas equivalem a testemunhos únicos do olhar dos sujeitos sobre determinados acontecimentos de uma época, mas representam também uma fonte significativa para estudos histórico-linguísticos (THUN; WILKIN, 2018). Trata-se ainda de um importante documento para a pesquisa na área das ciências sociais, especialmente no caso de pesquisas relacionadas a um passado distante, do qual a correspondência pessoal constitui, muitas vezes, o único testemunho (CELLARD, 2008).

A riqueza e o valor informativo da correspondência pessoal trocada entre sujeitos comuns é, dessa forma, de extrema relevância para os estudos que envolvem os contatos linguísticos e as variações e mudanças decorrentes deles. Na correspondência pessoal, é possível levantar dados sobre o estado de uma língua num dado período e rastrear diacronicamente as mudanças e variações que sofreu. Embora a ênfase dos estudos sociolinguísticos recaia com frequência sobre a língua falada, devido à estreita relação entre estes e o contexto sócio-histórico dos falantes, nem sempre é possível realizar esse tipo de estudo em condições naturais de comunicação, pois ao terem consciência de que estão sendo estudadas, as pessoas invariavelmente param de se comportar – e consequentemente de falar – com naturalidade, caracterizando, como ressalta Thun (2017), o “paradoxo do observador”.

Sob esse ponto de vista, pode-se inferir que a correspondência pessoal constitui um objeto de análise irreprovável, pois seus autores não escreveram pensando que seriam analisados, escreveram simplesmente para se comunicar com pessoas próximas. As cartas trocadas entre soldados e seus familiares representavam, por exemplo, a única maneira de dar um sinal de vida aos entes queridos que não contavam com outra forma de saber notícias dos filhos, maridos, irmãos intimados a lutar (ALTENHOFEN; STEFFEN; THUN, 2018). Além disso, as cartas representavam, nesse contexto, uma tentativa do sujeito de manter sua identidade, sua conexão com a terra de origem, apesar da grande distância que o separava dela (THUN; WILKIN, 2018).

Altenhofen (2004) ressalta a importância da correspondência pessoal como fonte de grande valor nas pesquisas sobre os contatos linguísticos e observa tratar-se de uma fonte que nem sempre recebe o devido valor quando se considera o valor atribuído a dados orais. A relação entre a língua e os aspectos referentes ao contexto social e histórico que a influenciam é inequívoca na correspondência pessoal, transformando-a em uma das formas mais adequadas para a análise do estado de uma língua utilizada em séculos passados. Além disso, através da análise de cartas pessoais é possível verificar a influência de fenômenos tradutórios e rastrear o início da fase de bilinguismo mais generalizado, uma vez que, ao final do século XIX, já se pode encontrar cartas escritas em português (ALTENHOFEN; STEFFEN; THUN, 2018, p. 21).

Neste trabalho, através da análise de uma carta escrita em português por um descendente de imigrantes alemães e com base em pressupostos teóricos da sociolinguística e dos estudos da tradução,

pretende-se ilustrar brevemente a trajetória histórica e linguística desses sujeitos, mostrando a influência que as línguas em contato têm umas sobre as outras e garantindo visibilidade ao plurilinguismo – que, embora ainda largamente ignorado, é característica basilar do povo brasileiro.

Percurso imigratório e a correspondência pessoal

A partir do século XIX a imigração europeia foi adotada pelo governo brasileiro como forma alternativa ao tráfico de escravos³ e com a finalidade principal de povoar as regiões fronteiriças consideradas “vazios demográficos”. Trespach (2014) apresenta um panorama da conjuntura política no Brasil naquele momento:

pele Tratado de Aliança e Amizade, assinado logo depois com a Inglaterra, D. João havia se comprometido com a extinção gradual do tráfico negreiro até a sua proibição. O perigo de uma revolta de escravos, como a que havia libertado o Haiti de mãos francesas em 1791, era visto pela população branca e livre como algo iminente. Um pouco mais tarde, em carta ao imperador austríaco, sogro do príncipe D. Pedro (futuro D. Pedro I), o rei português expôs seu objetivo quanto ao projeto de mudar a fonte da mão de obra no Brasil: decidira “substituir por colonos brancos os escravos negros”. Do medo das revoltas escravas, da exigência externa pelo fim da escravidão e da necessidade de criação do minifúndio e da produção artesanal surgiu a política de imigração e colonização com alemães. (TRESPACH, 2014, s.p.).

A emigração alemã, assim como as demais emigrações europeias, foi motivada pelas indefinições e incertezas políticas, econômicas e culturais que marcavam a Europa já desde o final do século XVIII. Embora registre-se o ano de 1824 como o ano da chegada dos primeiros alemães ao Brasil, esse movimento iniciou-se já antes disso e compreendia sujeitos vindos de muitas regiões de língua alemã – não somente da Alemanha, que, na verdade, nessa época, ainda não possuía um poder político centralizado (NEUMANN; PAVAN, 2017). Em 1818, por exemplo, estabeleceu-se uma colônia de suíços na Fazenda do Morro Queimado, que constitui as sementes da origem da cidade de Nova Friburgo, no Rio de Janeiro.

Com relação às áreas colonizadas no Brasil, Luersen (2010) destaca que a maior parte das áreas colonizadas era de mata subtropical, isolada tanto geográfica quanto socialmente dos centros urbanos. Como lembra Relly (2017), a colonização alemã no sul do Brasil está fortemente vinculada à ocupação de áreas florestais, e a memória dos imigrantes e seus descendentes em relação a esse espaço traz à tona sentimentos e noções de sacrifícios, riscos e, finalmente, de dominação da mata densa pelo colonizador. Esse foco colonizador respondia a alguns dos principais interesses brasileiros naquele período: a povoação de regiões de baixa densidade demográfica, com o objetivo de firmar e proteger as fronteiras e a criação de pequenas propriedades familiares que impulsionassem o mercado interno (SOLIZ, 2004). Esse contexto facilitou a preservação das línguas alóctones e a consequente manutenção de situações de multilinguismo.

Os imigrantes alemães que chegaram no Brasil no início do século XIX vinham, em sua maioria, do meio rural e, antes da emigração, haviam sofrido as consequências da industrialização na Alemanha: o êxodo rural e a consequente dificuldade de especialização em atividades industriais levaram as pessoas a condições de vida cada vez mais precárias e muitas, a pobreza absoluta. A partir de 1848, também a perseguição política configurou um dos fatores da emigração (COSTA, 2007).

3 Não se pretende confinar a questão do tráfico de escravos e suas implicações a uma perspectiva simplista. Trata-se de um processo de dimensões complexas que, contudo, fogem ao escopo deste trabalho. Para uma discussão mais aprofundada sobre esse tema ver FLORENTINO (1995) e CHALHOUB (2011).

Nesse contexto, a emigração não significava um movimento provisório, muito pelo contrário, tratava-se de uma escolha permanente: o novo país transformava-se em novo lar e, embora os imigrantes procurassem conservar sua cultura, sua identidade e sua língua, aos poucos as gerações seguintes foram sendo confrontadas com a noção de que adotar um novo lar significava também ser capaz de se comunicar na língua majoritária do país, embora isso não significasse abandonar sua língua e sua cultura. Na carta analisada a seguir, é possível perceber esse esforço por parte dos descendentes de imigrantes alemães.

O livro *Genealogia e história do imigrante JOHANN FRIEDRICH DOCKHORN (João Frederico) E SEUS DESCENDENTES 1825 - 1988* foi escrito por Avelino Dockhorn, bisneto do imigrante. Trata-se de um livro de 502 páginas que apresenta a genealogia da família, além de algumas histórias, fotos, certidões e cartas. Dessas cartas, apenas 6 foram escritas em português, ainda no século XIX. Os originais das cartas estão reproduzidos no livro e isso, para a análise documental, é muito valioso, mesmo que a escrita cursiva utilizada pelos autores tenha, por vezes, dificultado a leitura do material.

A seguir, apresentamos uma das cartas que se encontra nesse livro e que foi escrita em português por um dos descendentes de Johann F. Dockhorn:

Carta de Carlos Dockhorn aos seus pais

Santa Maria, 18 de Abril de 1897

Meos estimados,

paes,

Saúde em companhia atodos de casa e nossos

pertencentes é o que desejo lhes, por inquando eu por

a qui vou muito bem. Eu tenho resilido a sua amavel cartinha

que o senhor me escreveu do 25 mes pasado, e tinha me encontrado bem,

e com saúde, e o senhor me creveu que a minha irma está oito semanas

datuente, que ainda não tinha melhorado. Eu estimo muito bem que

estas poucas mal critas linhas vão lhe incontra-lhes de saúde e

melhorada. Por aqui vamos todos ainda muito bem, esaúdas de todos;

e mal que eu pergunte se o Jorge Völgel siestabele-seu se na

terra delle o se elle mudos-se para outro lugar. Eu ovir diser que

elle está estabesito em ringão São Petro.

O senhor Julio vae macatjar no tia 18 deste mez corrente,

e estás com vondade de mudar-se para o Arenal,

E com sertesa eu vou ficar com esta loja que elle tem ainda

em Santa Maria. O eu vou para outro lugar, eu já {ilegível} deste

mez de Janeiro na escolla e tenho de pagar por mez dez milreis.

O seu

querido

estimado filho,

Carlos Dockhorn.

O pai de Carlos, Johann Nicolau Dockhorn, nasceu em 31 de agosto de 1849, em São José do Hortêncio, município de São Leopoldo e em sua certidão de óbito consta que era lavrador. Além disso, conforme mencionado no livro, era veterano da Guerra do Paraguai. Carlos Dockhorn nasceu em 11 de agosto de 1879 (ainda não havia completado 18 anos na época em que escreveu a carta transcrita acima) em Venâncio Aires e, como menciona na carta, trabalhava no comércio.

Inicialmente vale chamar atenção para a data em que a carta foi escrita. Como apontam Altenhofen, Steffen e Thun (2018), ainda que certamente outros fatores devam ser levados em consideração, a produção de cartas escritas no século XIX se concentra predominantemente entre janeiro e junho, ou seja, fora do período dedicado à plantação, que ocorria na primavera – especialmente entre os meses de setembro e novembro.

Contudo, a característica mais intrigante nessa carta é o fato de que o autor escreve em português para os pais. É possível que se trate de uma forma de o sujeito demonstrar que está aprendendo a língua majoritária, pois a carta em questão é uma resposta a outra, enviada pelo pai de Carlos em 25 de março de 1897 (em alemão), na qual este expressava sua preocupação com os estudos do filho: leitura, escrita e matemática. Apesar de não especificar na carta que se tratava da leitura e escrita em português, pode-se inferir que esse fosse o caso, já que o filho trabalhava no comércio e precisava se expressar também em português e, como já mencionado anteriormente, esse era um dos aspectos essenciais para fazer do Brasil seu novo lar.

Além disso, a preocupação com o aprendizado do português remete à visão de língua como entidade homogênea e determinante da perspectiva nacionalista que sempre marcou a história do país, mesmo antes do projeto de nacionalização imposto pelo Estado Novo:

O Estado Português e, depois da independência, o Estado Brasileiro, tiveram por política, durante quase toda a história, impor o português como a única língua legítima, considerando-a ?companheira do Império? (Fernão de Oliveira, na primeira gramática da língua portuguesa, em 1536[2]). A política lingüística do estado sempre foi a de reduzir o número de línguas, num processo de glotocídio (assassinato de línguas) através de deslocamento lingüístico, isto é, de sua substituição pela língua portuguesa[3]. A história lingüística do Brasil poderia ser contada pela seqüência de políticas lingüísticas homogeneizadoras e repressivas [...].(OLIVEIRA, 2004, p. 19).

Dessa forma, é bastante provável que a pressão exercida por esse “projeto de glotocídio” se fazia presente na vida dos imigrantes e de seus descendentes, influenciando sua memória e sua formação identitária. Mesmo que inicialmente os imigrantes tenham conseguido manter uma organização social que privilegiasse sua língua de origem, aos poucos foram confrontados com a necessidade de integração e sujeição ao projeto de língua homogênea e única defendido já no século XIX pelo governo e foram, assim, desenvolvendo uma nova identidade – híbrida – que, como lembra Gaelzer (2011), manifesta-se e se sustenta na língua.

É notável que mesmo nesse período inaugural do contato linguístico entre falantes de variedades alemãs e a língua portuguesa falada no Brasil, já é possível verificar a formação de uma sociedade multilíngue:

Entre os imigrantes, os colonos oriundos da região do Hunsrück e áreas adjacentes representavam um dos contingents mais numerosos. Por isso, nas comunidades de imigrantes, formou-se uma variedade que nivelava as marcas dialetais das várias origens na Alemanha e na qual as características do francônio-renano (usuários de variants do tipo das / was) e do francônio-moselano (usuários de variantes do tipo dat / wat) eram predominantes (ALTENHOFEN, 1996, p. 16-27). Mas essa coine, conhecida como Hunsrückisch ou Hunsriqueano riograndense, surgida e utilizada

no âmbito da língua falada, não era a única língua que os imigrantes trouxeram consigo, uma vez que no âmbito da escrita foi utilizado o alto alemão ou Hochdeutsch. Isto se reflete nas diversas publicações – jornais e almanaques, inscrições em lápides de túmulos e em panos para proteção de parede (Wandschoner) – assim como também nas cartas [...]. Não eram apenas os imigrantes ainda nascidos na Alemanha os que aprenderam o Hochdeutsch como língua escrita; também de modo geral nas colônias do sul do Brasil, a formação nas escolas (embora amiúde precária) se dava na língua standard do “Hochdeutsch” [...]. (ALTENHOFEN; STEFFEN; THUN, 2018, p. 16-17).

Nesse contexto, e a partir da análise de cartas e de outros materiais escritos por imigrantes alemães, verifica-se a habilidade desses sujeitos – em maior ou menor grau – de se comunicarem em uma variedade dialetal bem como na variedade standard da língua alemã e ainda na língua portuguesa, como exemplificado na carta reproduzida neste artigo, atestando, assim, seu plurilinguismo.

Embora o plurilinguismo represente uma forma de equilíbrio cultural, uma vez que encerra em si valores de acolhimento e aceitação da diversidade e das minorias (DE PLURILINGUISTICO, 2005), no Brasil ele sempre foi ignorado – mesmo que se fizesse presente no período da colonização e ainda muito antes, no período do contato entre portugueses e falantes autóctones no século XVI. Isso ocorre não apenas na região sul, como também nas outras regiões brasileiras, “sem falar em todas as variedades linguísticas indígenas que estão sendo aos poucos substituídas pela língua majoritária” (LUERSEN, 2010, p. 85).

Outra questão que se pode analisar na carta reproduzida acima é a influência de fenômenos tradutórios, como a transferência linguística que, segundo Venturi (2006, p. 127), “é observada, principalmente, quando há a substituição ou a adaptação de uma palavra ou expressão da língua materna para a língua alvo”. A expressão “nossos pertencentes” traz claramente marcas da língua alemã: na língua alemã, *die Angehörige* – os pertencentes [a um mesmo grupo de familiares próximos] – é uma forma de referir-se aos membros da família. Portanto, nessa expressão, nota-se a transferência da estrutura lexical utilizada no alemão para o português.

Assim, na análise da correspondência pessoal de imigrantes e seus descendentes tem-se contato com a trajetória histórica e linguística desses sujeitos e, nessa trajetória, é possível visualizar e compreender como sujeitos plurilíngues utilizavam suas línguas com diferentes propósitos e em diferentes esferas de sua vida e analisar, ainda, a influência que as línguas em contato têm umas sobre as outras.

Considerações finais

A correspondência pessoal representa uma fonte valiosa para os estudos que envolvem os contatos linguísticos e as mudanças e variações linguísticas decorrentes deles. Neste trabalho, o foco recaiu em algumas particularidades linguísticas que mostram claramente a influência da oralidade nas cartas pessoais, reproduzindo, assim, um comportamento peculiar a pessoas plurilíngues, acostumadas a alternar entre as suas línguas de uso, de acordo com o tópico ou com as intenções comunicativas dos falantes (ALTENHOFEN; STEFFEN; THUN, 2018).

Na ausência da língua falada – como é o caso quando se pretende estudar questões relacionadas a períodos anteriores ao século XX – a correspondência pessoal configura a forma mais natural de representação linguística e cultural. Além disso, nela, o sujeito compartilha opiniões e emoções, relata suas

frustrações e motivações, dá testemunho de detalhes próprios de sua sociedade e de sua época histórica, o que amplia ainda mais a importância desse tipo de documento, pois na correspondência pessoal é inequívoca a relação entre a língua e os aspectos referentes ao contexto social e histórico que a influenciam.

Estudar documentos como cartas pessoais é essencial para recuperar, honrar e conhecer as identidades, as histórias e as memórias do sujeito imigrante, sobretudo aquelas relacionadas à língua, que foram, por tanto tempo, duramente reprimidas, estrangidas e apagadas da história brasileira. Como observa Gaelzer (2011), é na preservação da língua que a memória, a cultura e a identidade de um povo são cultivadas. Faz-se, portanto, necessário, como bem lembra Luersen (2010, p. 85), “desenvolver uma sociedade culturalmente sensível à variação e às variedades linguísticas”, além de garantir voz ao plurilinguismo que, embora ainda largamente ignorado, é característica basilar do povo brasileiro.

Referências

- ALTENHOFEN, Cléo V. A constituição do corpus para um “atlas linguístico-contatual das minorias alemãs na bacia do prata”. In: **Martius-Staden-Jahrbuch**, São Paulo, n. 51, p. 135-165, 2004.
- ALTENHOFEN, Cléo V.; STEFFEN, Joachim; THUN, Harald. **Cartas de imigrantes de fala alemã: pontes de papel dos hunsriqueanos no Brasil**. São Leopoldo: Oikos, 2018.
- CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa: conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2009.
- CHALHOUB, Sidney. **Visões da liberdade: Uma história das últimas décadas da escravidão na Corte**. São Paulo: Cia das Letras, 2011. 360 p.
- COSTA, Carlos G. Imigração alemã e fomicultura: a colônia de Santa Cruz (RS) no período imperial brasileiro. In: **Spartacus – Revista eletrônica dos discentes de História**. Santa Cruz dos Sul: UNISC, 2007. Disponível em: http://www.unisc.br/site/spartacus/edicoes/012007/costa_carlos_gabriel.pdf. Acesso em 20 Jun. 2019.
- DE PLURILINGUISMO, Jornadas Europeias. Carta Europeia do Plurilinguismo. 2005. Disponível em: https://www.observatoireplurilinguisme.eu/images/Charte/Charteplurilinguisme_ptV2.13.pdf. Acesso em: 12 Ago. 2020.
- DOCKHORN, Avelino. **Genealogia e história do imigrante Johann Friedrich Dockhorn (João Federico) e seus descendentes 1825-1988**. Porto Alegre: Editora Palotti, 1988.
- FLORENTINO, Manolo. **Em costas negras: Uma história do tráfico atlântico de escravos entre a África e o Rio de Janeiro : séculos XVIII e XIX**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1995. 300 p.
- GAEZLER, Vejane. A identidade do imigrante alemão: a língua, elemento simbólico de identificação. In: **Linguagem – Estudos e Pesquisas**, v. 15, n. 02, p. 137-158, jul/dez 2011. Disponível em: <file:///D:/Downloads/32420-136599-1-PB.pdf>. Acesso em 20 Jun. 2019.
- IPHAN – INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Guia de Pesquisa e Documentação para o INDL**, v. 1. Brasília, DF, IPHAN, 2014.
- LUERSEN, Rosane. W. A situação de contato plurilíngue no sul do Brasil. **Revista Científica da Faculdade Salesiana Maria Auxiliadora**, n. 7, 70-87, Visconde de Araújo: 2010. Disponível em: http://www.fsma.edu.br/visoes/ed08/Edicao_8_artigo_4.pdf. Acesso em 20 Jul. 2019.
- NEUMANN, Gerson. R.; PAVAN, Cláudia. F. Réquiem para Gerstäcker, o inquieto solitário. In: **Revista Soletras**, n. 34, 2017/2. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/30174/22249>. Acesso em: 12 Out. 2019.

OLIVEIRA, Gilvan M. Brasileiro fala português: monolingüismo e preconceito lingüístico. *In: SILVA, Fábio Lopes da; MOURA, Heronides Maurílio de Melo (orgs.). O direito à fala: a questão do preconceito lingüístico*. Florianópolis: Insular, 2004.

RELLY, Eduardo. Memórias do Urwald no Brasil meridional: negociações e riscos da colonização florestal teuto-brasileira. *Mouseion*, n. 27, p. 127-142, 2017. Disponível em: <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Mouseion/article/view/3888/pdf>. Acesso em: 12 Ago. 2020.

SOLIZ, Neusa. Alemães à procura de uma nova pátria no Brasil. *In: DW.Com*. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/alem%C3%A3es-%C3%A0-procura-de-uma-nova-p%C3%A1tria-no-brasil/a-1136108-0>. Acesso em: 14 Out. 2019.

TRESPACH, Rodrigo. Alemães para toda obra. *In: Revista de História Biblioteca Nacional*, ano 9, n. 102, 2014. Disponível em: <https://angelinawittmann.blogspot.com.br/2014/12/artigo-da-revista-de-historia.htm>. Acesso em: 10 ago. 2019.

THUN, Harald. Variação na interação entre informante e entrevistador. Trad. Cléo V. Altenhofen e Filipe Neckel. *In: Cadernos de Tradução*, Porto Alegre, n. 40, p. 82-107, jan/jun 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/cadernosdetraducao/article/view/87178/50002>. Acesso em 16 Jun. 2019.

THUN, Harald.; WILKIN, René. A história que antecede a escrituralidade dos hunsriqueanos brasileiros: cartas do período napoleônico (1805-1813). *In: ALTENHOFEN, Cléo. V.; STEFFEN, Joachim.; THUN, Harald. Cartas de imigrantes de fala alemã: pontes de papel dos hunsriqueanos no Brasil*. São Leopoldo: Oikos, 2018.

VENTURI, Maria A. Aquisição de língua estrangeira numa perspectiva de estudos aplicados. *In: DEL RÉ, A. A aquisição da linguagem: uma abordagem psicolinguística*. São Paulo: Contexto, 2006.

Recebido em 14/07/2020

Aceito em 21/08/20